



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA* OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH**

MARIA LUÍZA RODRIGUES SAMPAIO DE SOUZA

GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília

2015

MARIA LUÍZA RODRIGUES SAMPAIO DE SOUZA

GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Orientadora: Msc.Suellen Neto Pires Maciel

Brasília, DF

2015

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, da Universidade de Brasília, como parte da exigência para a obtenção do grau de Especialista.

Prof. Mestra. Suellen Neto Pires Maciel

Prof. Dra. Maristela Rossato

Brasília, DF

2015

DEDICATÓRIA

A meu amigo Matheus, que me ajudou em todas as etapas deste trabalho, sendo fonte de apoio e coragem.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo exemplo e pela educação que me deram.

Aos meus irmãos, Luís e Otávio, pelo apoio nas horas difíceis.

Aos meus amigos, pelo incentivo e companheirismo.

Às minhas orientadoras, pelo suporte e por partilhar seus conhecimentos.

RESUMO

A escolha profissional faz parte do desenvolvimento humano e marca a entrada do indivíduo no mundo do trabalho. Em geral, essa escolha ocorre no período da adolescência e envolve inúmeros fatores, constituindo-se como um processo de grande complexidade. Neste sentido, sabe-se que questões relacionadas ao gênero também perpassam essa decisão, considerando a influência da sociedade em delimitar determinadas profissões como mais adequadas a homens ou a mulheres. Estereótipos de gênero, isto é, generalizações sobre o que homens e mulheres devem ser/fazer, podem influenciar a escolha da profissão. Desse modo, a presente pesquisa pretendeu verificar a existência de estereótipo de gênero percebido por estudantes universitários do curso de Psicologia da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Escolha profissional; Gênero; Estereótipos; Adolescência

ABSTRACT

The professional choice is part of human development and marks the individual entry into the world of work. In general, this choice occurs during adolescence and involves numerous factors, establishing itself as a process of great complexity. In this way, it is known that gender issues also underlie this decision, considering the influence of society in defining certain professions as more suitable for men or women. Gender stereotypes, ie generalizations about what men and women should be / do, can influence the professional choice. Keeping this in mind, the present study sought to determine the existence of gender stereotypes perceived by university students of Psychology at the University of Brasilia.

Keywords: Professional choice; Gender; stereotypes; Adolescence

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 GÊNERO: INATO OU APRENDIDO?.....	10
3 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL.....	17
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
4.1 Amostra	22
4.2 Instrumento	23
4.3 Procedimentos	23
4.4 Análise de Dados.....	24
6 DISCUSSÃO.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1 INTRODUÇÃO

A escolha profissional faz parte do processo de desenvolvimento humano, ocorrendo, geralmente, na adolescência. Nesta fase, marcada por mudanças corporais e intelectuais, o adolescente pode vivenciar dificuldades no momento de traçar qual caminho profissional seguir. É nesse período que meninos e meninas começam a construir uma identidade profissional, que inclui identificações feitas ao longo do tempo. Nesse sentido, os modelos internalizados pelo adolescente podem impactar na escolha profissional, como a influência das profissões dos familiares, dos professores, e da demanda social e cultural.

No contexto de demandas socioculturais, pode-se dizer que questões relacionadas a estereótipos de gênero também influenciam a escolha da profissão. A entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe muitas transformações sociais, mas a identidade profissional dela ainda está atrelada à identidade feminina de cuidadora, responsável pelo cuidado do lar e dos filhos. Estas concepções acabam por influenciar na prática de delimitar profissões específicas como sendo mais adequadas ao sexo feminino ou ao sexo masculino.

É comum que no debate sobre gênero o caráter social seja destacado, ficando a discussão biológica em segundo plano. Notadamente, a cultura tem papel regulador e modulador na construção do gênero e na atribuição de papéis específicos para cada sexo, contudo, avanços em diversas áreas (neurociência, genética, psicologia, entre outras) mostram que há diferenças entre os sexos originadas na biologia. Essas diferenças não se referem somente a diferenças nas genitálias, mas a aspectos psicológicos e cognitivos.

Tendo isso em vista, os estereótipos de gênero também podem estar relacionados a questões biológicas. Pesquisas evidenciam que tendências inatas podem influenciar na escolha da profissão, no entanto, deve-se frisar que uma disposição biológica não justifica as desigualdades no contexto de trabalho. Assim sendo, o reconhecimento de um caráter biológico na formação do gênero e a discussão sobre essas implicações instrumentaliza o conhecimento para uma possível intervenção, visto que é plausível supor que as desigualdades entre homens e mulheres estejam alocadas no âmbito das construções sociais.

Fica evidente que há uma demarcação de gênero (seja social ou biológica) envolvida na escolha profissional e analisar como se compreende essas relações, e o que é assumido socialmente como profissão/trabalho “de homem” e “de mulher”, é crucial para refletir sobre

as desigualdades sociais presentes nesse âmbito. Ademais, como a escolha profissional marca a entrada do adolescente no mundo do trabalho e no mundo adulto, compreender os fatores que sugestionam essa escolha pode fundamentar uma proposta de intervenção voltada para o empoderamento dos adolescentes. Essa intervenção pode ser feita por meio da realização de oficinas que permitam a discussão dos papéis sociais de homens e mulheres e como o mercado de trabalho reflete isso.

Considerando o supracitado, o tema deste trabalho é Gênero e Escolha Profissional e seu objetivo geral consistiu em refletir sobre o conceito de gênero e sobre as relações entre escolha profissional e os estereótipos percebidos. O objetivo específico da pesquisa foi verificar a existência de estereótipo de gênero percebido por estudantes universitários da Universidade de Brasília.

2 GÊNERO: INATO OU APRENDIDO?

Homens e mulheres, enquanto seres de uma mesma espécie, se distinguem, inicialmente, pelas inegáveis diferenças biológicas que os caracterizam como machos, ou como fêmeas.

Atualmente, no contexto do debate sobre gênero, essas diferenças são bastante enfatizadas levando em conta as relações sociais e não a biologia. Destamaneira, pode-se dizer que o conceito de gênero surgiu com o intuito de ressaltar o caráter social presente nas diferenças e relações entre homens e mulheres. Sobre a questão, Louro (2013, p.26) afirma que: “O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.”

O termo “gênero” é socialmente novo e está atrelado historicamente ao movimento feminista (SANTOS, 2010). De acordo com Lopes, foi por meio das feministas anglo-saxãs que *gênero* passou a ser usado como distinto de *sexo*, com o objetivo de se rejeitar um determinismo biológico e dar enfoque ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (LOURO, 2013).

Nesse sentido, *sexo* é compreendido como a identidade biológica do homem e da mulher enquanto *gênero* é compreendido como os aspectos culturalmente construídos em relação às diferenças biológicas e sexuais. Embora algumas pessoas compreendam que as diferenças biológicas e sexuais sejam, em algum nível, também socialmente construídas, a distinção entre *sexo* e *gênero* está amparada na premissa de que existe um substrato fixo (biológico) sobre o qual são elaboradas as construções sociais de gênero (SANTOS, 2010).

É interessante ressaltar, porém, que muitas vezes a discussão do caráter biológico do gênero é deixada em segundo plano, pois alguns compreendem que a distinção biológica pode ser uma justificativa para desigualdade social (LOURO, 2013, p.25; conf. PINKER, 2008, p.458). Desse modo, parte do movimento feminista adota a teoria da tábula rasa, ou seja, assume que não há diferenças inatas entre homens e mulheres. A escola de pensamento comprometida com essa visão explicitada por Pinker, de acordo com a filósofa Christina Hoff Somers, é o *feminismo de gênero*. Esta doutrina afirma que as diferenças entre homens e mulheres não têm qualquer relação com a biologia, sendo totalmente construídas socialmente. Assim, compreende que as mulheres são escravizadas por um sistema de

dominância masculina (sistema de gênero) no qual bebês bissexuais são transformados em homens ou mulheres, uns destinados a comandar e outros a obedecer (PINKER, 2008). A pesquisadora Louro (2013, p.37) ilustra esse posicionamento ao afirmar que: “[...] a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos.”

É importante ressaltar que uma corrente de pensamento comprometida com uma visão limitada sobre a natureza humana e que afirme que o ser humano é completamente moldado socialmente pode ser perigosa. Para ilustrar, é possível citar o exemplo do famoso caso do Dr. Money.

O caso é considerado bastante significativo, pois apresenta Money, um psicólogo da Nova Zelândia que acredita que os papéis sexuais são produtos da experiência inicial e não dos instintos. Segundo ele, o ser humano nasce psicosssexualmente neutro e apenas depois da experiência, por volta dos dois anos de idade, que ele desenvolve uma identidade de gênero (RIDLEY, 2008). Assim, de acordo com a perspectiva apresentada pelo psicólogo, o comportamento sexual e a orientação como homem e mulher não possuem uma base inata. Tal entendimento levou Money a acreditar que um bebê humano pode ser atribuído, literalmente, a qualquer sexo. Com isso, justificou cirurgias de troca de sexo em bebês meninos nascidos com pênis anormais.

Em um caso de um gêmeo monozigótico que perdeu o pênis em uma circuncisão mal feita, Money sugeriu que ele fosse cirurgicamente redefinido como menina e criado pelos pais como tal. Em 1972, o psicólogo publicou um livro descrevendo o caso como um grande sucesso e como evidência de que a identidade de gênero era essencialmente construída. No entanto, alguns anos depois, uma nova versão sobre o caso veio à tona. Dessa vez, a história narrada se distanciou do sucesso descrito por Money. O bebê que passou pela mudança de sexo chamava-se Brenda Reimer e, aos treze anos de idade, começou a ter ideias suicidas. Sua mãe percebia que ela não era feliz, era muito masculina, e era ridicularizada pelos amigos como “mulher das cavernas”. Percebendo o estado da filha, os pais decidiram contar a verdade a Brenda: ela havia nascido como menino. Aos 14 anos, Brenda decidiu se transformar em David. Em 1997, se submeteu a um tratamento para reverter a mudança: David passou por uma cirurgia de reconstrução de pênis, tomou injeções de testosterona e passou por uma mastectomia dupla. Casou-se em 1990. No entanto, ele não sabia que o seu caso era descrito como bem-sucedido em uma série de livros de medicina, e de psicologia,

que estabeleciam protocolos de como tratar pessoas hermafroditas ou que tinham perdido o pênis. Em 2000, o escritor John Colapinto convenceu David a quebrar o anonimato em um livro (*As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised as a Girl*) que descreve, ao contrário do que Money afirmou, como “Brenda” nunca se identificou com uma menina. Quando passou dos 30 anos, David entrou em depressão e em 2004 cometeu suicídio.

O caso Brenda/David ilustra os riscos de se comprometer com posicionamentos estanques, como o de negar por completo o papel da biologia na construção do gênero e, além disso, evidencia que, pelo menos em parte, os papéis sexuais não são ensinados. Como expõe Ridley (2008, p. 80):

A maioria dos garotos redefinidos como meninas se declara menino na adolescência. E um recente estudo de pessoas nascidas com genitália ambígua revelou que aqueles que escaparam do bisturi do cirurgião tinham menos problemas psicológicos que os que foram operados na infância. A grande maioria daqueles meninos que tiveram seu sexo trocado para viverem como meninas reverteu a cirurgia, por sua própria conta, para viverem como homens.

Atualmente, várias áreas tais como neurociência, genética comportamental, psicologia, dentre outras, apresentam estudos evidenciando diferenças entre os sexos que muito provavelmente se originam na biologia humana (PINKER, 2008). Assim, destacam que homens são mais propensos a ter mais relações sexuais casuais em comparação a mulheres, têm maior probabilidade de se envolverem em conflitos violentos, têm mais tolerância à dor e disposição para arriscar a vida e a integridade física, são melhores em rotação mental de objetos e mapas, enquanto mulheres, por outro lado, experimentam emoções básicas com mais intensidade, mantêm relacionamentos sociais mais íntimos, são melhores na leitura de expressões faciais, têm melhor memória verbal, são melhores para lembrar pontos de referência, etc. Apesar dessas diferenças, muitos traços psicológicos são iguais, em média, para ambos os sexos, como a inteligência geral. Além disso, é importante pontuar que essas diferenças dizem respeito à média da população, nesse sentido, generalizações sobre determinado sexo podem ser falsas para muitos indivíduos¹.

A perspectiva da psicologia evolucionista², adotada neste trabalho, parte do pressuposto de que as capacidades mentais do ser humano também evoluíram por seleção

¹ É importante frisar que essas teorias são direcionadas a populações e não a indivíduos. Ou seja, a maioria das previsões é verdadeira para a média da população, mas falsa para indivíduos específicos.

² A Psicologia Evolucionista busca explicar a mente à luz da seleção natural. Portanto, ela assume que as características psicológicas do ser humano evoluíram por seu valor adaptativo, durante a história evolutiva do homem. Assim, é importante frisar que as adaptações discutidas referem-se ao contexto do mundo ancestral

natural. Nesse sentido, essa visão prediz que haverá diferenças psicológicas entre homens e mulheres precisamente nos domínios em que eles sofreram diferentes problemas adaptativos (BUSS, 1995). Do ponto de vista da história evolutiva, homens e mulheres sofreram muitos problemas adaptativos similares. Ambos os sexos desenvolveram glândulas sudoríparas frente ao problema adaptativo de manter a temperatura corporal, por exemplo. Analogamente, ambos os sexos precisaram resolver o problema adaptativo de identificar um bom cooperador quando buscaram um parceiro a longo-prazo, explicação plausível para ambos os sexos, em todas as culturas, valorizarem muito a bondade em um parceiro (DEKAY & BUSS, 1992). Ambos os sexos também têm preferência por alimentos gordurosos, ricos em açúcar e em aminoácidos específicos porque ambos os sexos sofreram problemas similares de consumo de alimentos (BUSS, 1995)

Nos domínios de acasalamento e sexualidade, todavia, homens e mulheres enfrentaram diferentes problemas adaptativos. Mulheres precisaram lidar com as questões de gravidez e de amamentação. Esses dois processos são muito custosos metabolicamente e, assim, as mulheres precisaram solucionar o problema de encontrar um bom parceiro, que oferecesse recursos para mantê-las nesse período. As mulheres que falharam em resolver essas questões, não conseguiram sobreviver ou proporcionar condições para seus bebês sobreviverem. Homens, por sua vez, precisaram enfrentar o problema da incerteza parental, uma vez que a fertilização ocorre internamente na mulher. Homens que falharam em resolver esse problema se arriscaram a investir recursos em crianças que não eram deles (BUSS, 1995, conf. BUSS & SCHMITT, 2011). Apesar das diferenças nesses domínios, em relacionamentos de longo prazo ambos os sexos se defrontaram com o problema de identificar parceiros que se comprometeriam por muito tempo. Em consequência, tanto homens quanto mulheres desenvolveram estratégias psicológicas (ex. procurar sinais de amor) similares (BUSS & SCHMITT, 2011).

O aspecto da teoria evolucionista mais usado para se explicar as diferenças sexuais é a seleção sexual, proposta inicialmente por Darwin (EAGLY & WOOD, 1999). Diferenças entre homens e mulheres evoluíram através da competição masculina e da escolha feminina por parceiros. Como na espécie humana as mulheres têm maior investimento parental (isto é, gastam mais energia, nutrientes e recursos para terem um bebê) elas se constituíram como um recurso reprodutivo limitado para homens no mundo ancestral. Nesse sentido, homens

(100.000 anos atrás). A Psicologia Evolucionista se detém as causas distais de um comportamento, isto é, procura entendê-lo por seu valor adaptativo e pela história filogenética do ser humano.

competiam por acesso às mulheres e as mulheres escolhiam seus parceiros dentre os homens disponíveis. Quanto mais investimento sexual, mais as mulheres selecionavam parceiros capazes de oferecer recursos para se criar um filho. A preferência feminina por homens com recursos produziu pressão sexual nos homens para que eles atendessem esse critério. Assim, diferenças no investimento parental favoreceram diferentes estratégias para o sucesso reprodutivo de homens e mulheres e conseqüentemente estabeleceram algumas diferenças mentais entre os sexos.

Devido à competição masculina por acesso sexual às mulheres, evoluíram nos homens disposições a favor da violência, competição e propensão a correr riscos. Nas mulheres, por sua vez, evoluíram disposições para alimentar e preferências por parceiros de longo-prazo que pudessem manter uma família. Conseqüentemente, homens se esforçaram para adquirir mais recursos que outros homens, a fim de atrair mulheres, e mulheres desenvolveram preferências por homens bem-sucedidos e ambiciosos capazes de fornecer recursos (EAGLY & WOOD, 1999).

É claro que muitas diferenças entre homens e mulheres não tem relação com a biologia. No entanto, para uma melhor compreensão do ser humano é importante analisá-lo enquanto um animal que evoluiu por seleção natural. Evidentemente, a cultura e a história de aprendizagem de cada indivíduo influenciam o comportamento humano, mas a compreensão do nível filogenético pode instrumentalizar, no caso deste trabalho, o conhecimento para uma possível intervenção, visto que é plausível supor que as desigualdades entre homens e mulheres estejam alocadas no âmbito das construções sociais. Homens e mulheres são diferentes biologicamente, mas o cerne da desigualdade não está na diferença biológica.

Desigualdade social pode ser entendida como uma condição de acesso desproporcional aos recursos, materiais ou simbólicos, fruto das divisões sociais (SANTOS, 2010). Dessa forma, pode-se assumir que as desigualdades entre homens e mulheres não são conseqüências necessárias das desigualdades baseadas na biologia, mas sim resultado das desigualdades sociais e políticas.

Alguns estudos feministas e teóricos sobre gênero apresentam certa preocupação em admitir a existência de diferenças inatas entre homens e mulheres, pois acreditam que isso justificaria as desigualdades sociais e dificultaria a equidade de gênero (BUSS & SCHIMIT, 2011; LOURO, 2013; conf. PINKER, 2008). Esse pode ser um grande atrativo para a doutrina da tábula rasa, pois se o ser humano nasce como uma folha em branco, isso seria a garantia de

igualdade política. No entanto, igualdade pode ser compreendida como “[...] um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou eliminação da diferença, mas o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou leva-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 15). Assim, igualdade não diz respeito a uma afirmação empírica, mas a um princípio moral segundo o qual os indivíduos não devem ser julgados nem reprimidos com base em seus atributos (PINKER, 2008). Assumir a existência de diferenças inatas entre homens e mulheres não implica em uma postura moral. Acreditar que poderia ser racional discriminar grupos de pessoas baseado em suas diferenças biológicas, é cair em uma falácia naturalista³. Explicar um comportamento, por si só, não o torna bom ou mau, nem certo ou errado. Como Pinker (2008, p.200) elucida:

[...] O problema não está na possibilidade das pessoas diferirem umas das outras, o que é uma questão factual que poderá vir a ser confirmada ou refutada. O problema está na linha de raciocínio segundo a qual, se fosse descoberto que as pessoas são diferentes, então discriminação, opressão e genocídio seriam aceitáveis. Valores fundamentais (como igualdade e direitos humanos) não deveriam ser mantidos reféns de uma conjectura factual a respeito de tábulas rasas [...].

Nesse sentido, pode-se pensar que a perspectiva da psicologia evolucionista traz contribuições para o debate sobre gênero e diferenças sexuais. Enquanto ciência, ela não está comprometida com posicionamentos morais sobre comportamentos, mas sim com a descrição deles do ponto de vista factual. Homens e mulheres não deveriam ser considerados superiores ou inferiores em relação um ao outro por possuírem adaptações diferentes. Não faz sentido dizer que um pássaro é superior a uma tartaruga porque ele possui asas e pode voar. Seguindo o mesmo raciocínio, não é plausível dizer que homens são superiores às mulheres, ou vice-versa, somente porque eles possuem capacidades físicas e psicológicas diferentes. Cada sexo possui mecanismos desenvolvidos para lidar com os problemas adaptativos que enfrentaram no mundo ancestral. Alguns desses mecanismos são iguais para ambos os sexos, outros não. Além disso, descobrir que diferenças sexuais existem e que se originaram através de um processo causal de seleção sexual não implica que essas diferenças sejam deterministas. A cultura e a história de aprendizagem de cada ser humano são essenciais não só para a ativação de pré-disposições, mas para a moderação delas. Em culturas com maior igualdade de papéis

³ Falácia naturalista pode ser entendida como um raciocínio a partir do qual se tenta construir conclusões sobre comportamentos éticos baseadas em premissas que associam algo “bom” a propriedades naturais. Nesse sentido, o que é “bom” do ponto de vista ético, é definido por critérios do que é natural. A falácia naturalista é resultado do problema “ser/deve ser” levantado por Hume. Não é porque algoé factualmente natural que se pode retirar qualquer noção moral de “bom” ou “mau”. Por exemplo, não é porque o ser humano evoluiu para digerir carne (ou seja, é natural do homem comer carne) que se poderia assumir que matar animais para consumo é moralmente correto. Esse tipo de falácia postula que o valor moral de algo não é definido pelo que é natural.

de gênero, por exemplo, as diferenças nas preferências de acasalamento (homens em busca de mulheres férteis, e mulheres em busca de parceiros com recursos) são menos acentuadas (MYERS, 2014)

3 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL

Independente da linha teórica adotada para se falar de gênero, sabe-se que existem estereótipos relacionados ao que seriam “coisas de homem” e “coisas de mulher”, o que também se aplica às questões relacionadas ao trabalho. Estereótipo pode ser entendido como generalizações que os indivíduos fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais ou indivíduos específicos. Nesse sentido, os estereótipos de gênero são aqueles direcionados aos indivíduos do sexo masculino e feminino;constituem-se como um conjunto de crenças sobre os atributos pessoais adequados a homens e a mulheres (D'AMORIM, 1997).

Algumas profissões são amplamente estereotipadas, no senso comum, pelo gênero predominante que as desempenham. Os cursosde Engenharia são comumente associados a uma profissão masculina, enquanto os cursos de Enfermagem e Psicologia são bastante associados a uma profissão feminina,por exemplo. Tendo isso em vista, muitas vezes, quando o indivíduo faz uma escolha profissional que não corresponde à expectativa social, ele sofre algum tipo de discriminação. Deste modo, faz-se relevante a investigação da relação entre estereótipos de gênero e escolha profissional, uma vez que a tarefa de escolher a profissão é parte do desenvolvimento humano. Além disso, o entendimento das demarcações de gênero, voltadas para o contexto do mercado de trabalho, é essencial para se compreender desigualdades presentes nessa esfera.

A entrada da mulher no ensino superior e no mercado de trabalho alterou a maneira de se pensar a escolha profissional e a identidade profissional de ambos os sexos. No entanto, de modo geral, à mulher ainda é associado um papel de cuidadora, tanto do lar, quanto da família. Essa visão impacta na definição do papel profissional que a mulher deve/pode desempenhar. A associação do trabalho de professora primária majoritariamente à figura feminina ilustra isso: por serem “cuidadoras”, as mulheres levam mais jeito com crianças. Além disso, é comum que a vida profissional da mulher seja encarada como uma parte secundária, constituindo-se como uma forma de evitação do lugar principal: a vida doméstica, voltada para o cuidado dos filhos e da casa (LEMOS et al., 2005).

Embora em termos globais a entrada da mulher no ensino superior tenha aumentado, é importante salientar que ela não se deu de maneira uniforme dentre os cursos, sendo possível verificar um crescimento maior de matrículas femininas em cursos tidos socialmente como

mais apropriados a mulheres (CASTRO; YAMAMOTO, 1998). Essas significações evidenciam que as profissões não são vistas como neutras, ainda hoje sendo consideradas como mais femininas ou mais masculinas. Do ponto de vista da escolha profissional, pode-se pensar que atribuições como essas influenciam a decisão de adolescentes, que se encontram na fase de definição da identidade profissional (LEMOS et al., 2005). Assim, é interessante considerar a forma como os adolescentes integram essas valorações profissionais à sua identidade, haja vista que os padrões culturalmente construídos quanto aos papéis de homens e mulheres são interiorizados ao longo do processo de desenvolvimento humano.

A decisão, na adolescência, de qual curso universitário fazer está diretamente ligada ao desenvolvimento do indivíduo e de uma identidade própria. Todavia, o processo de escolha profissional envolve tanto fatores pessoais, quanto contextuais. Nesse sentido, modelos socialmente internalizados, a influência da família, da escola e dos amigos são variáveis envolvidas na tarefa de escolha da profissão. Dentro do próprio contexto familiar é possível observar diferenças no tratamento de meninas e meninos. É comum que desde cedo as meninas sejam estimuladas para habilidades que envolvam cuidados com o lar e relações afetivas, características agregadas à identidade feminina. Contudo, os meninos são recriminados se apresentarem essas mesmas habilidades, sendo estimulados a competição e ao raciocínio matemático e estratégico.

Em relação a esses aspectos, estudos mostram diferenças comportamentais entre meninos e meninas criados em ambientes iguais e estimulados da mesma forma (BERLATO, 2007). Isso sugere que a diferença na escolha profissional pode envolver também um componente biológico. Preferências psicológicas diferentes – partindo da perspectiva evolucionista – podem direcionar os sexos para caminhos diferentes no que se refere à profissão. Pesquisas evidenciam que, em média, homens se dizem mais dispostos a trabalhar mais horas, mudar de cidade e deixar familiares e amigos para ascender na carreira. Além disso, homens são mais dispostos a enfrentar desconfortos físicos e perigo, tendo maior probabilidade de serem encontrados em empregos não agradáveis, mas lucrativos como manutenção de equipamentos industriais. Por outro lado, as mulheres, em média, têm maior probabilidade de escolher empregos de apoio administrativo, que não envolvem perigo e escolhem carreiras mais flexíveis que lhes permitam passar mais tempo com os filhos (PINKER, 2008, p.482).

Uma análise feita por David Lubininsky e Camille Benbow (1992 apud PINKER, 2008) de uma amostra de alunos do sétimo ano, precoces em matemática e selecionados em uma busca nacional de talentos, mostrou que apesar dos adolescentes terem sido encaminhados pelos pais para cursos de verão de matemática e ciência, houve diferenças de interesses entre meninos e meninas. As meninas relataram aos pesquisadores mais interesse por pessoas, “valores sociais”, objetivos humanitários e altruísticos, enquanto os meninos demonstraram mais interesse por “coisas”, “valores teóricos”, e investigação intelectual abstrata (PINKER, 2008). Essa assimetria aponta para o fato de que talvez pré-disposições inatas influenciem na decisão da escolha profissional.

Sejam as estereotípias de gênero relacionadas a fatores biológicos ou culturais, elas impactam sobre a escolha profissional de ambos os sexos. A escolha profissional da mulher geralmente está atrelada a uma identidade de gênero feminina, que associa à mulher a responsabilidade familiar, a docilidade e a capacidade de doação. A socialização de meninas valoriza os relacionamentos pessoais e princípios como apego, proteção e cuidado. Não é de se espantar que essas concepções influenciem em escolhas profissionais estereotipadas, como a preferência por cursos assistenciais. Por outro lado, a escolha profissional de homens envolve estereótipos sociais de masculinidade, relacionados à competência, auto realização e independência (TEIXEIRA et al., 2006). Nota-se, portanto, que o gênero está intimamente ligado à construção de um projeto profissional. Alguns autores sugerem que nesse projeto homens são estimulados a buscarem uma profissão visando realização, independência e autoconfiança, enquanto as mulheres buscam uma profissão como uma forma de complementação da renda familiar. Assim, as mulheres não são incentivadas socialmente a buscarem independência e autoafirmação na esfera profissional. Tais construções refletem na delimitação do que seria trabalho feminino e trabalho masculino.

Tendo isso em vista, percebe-se que a aquisição de uma identidade profissional envolve um processo de socialização e implica em um desenvolver-se do indivíduo para assumir um papel ocupacional quando adulto. Nesse sentido, a decisão por um curso universitário caracteriza-se como um referencial na vida do adolescente, uma vez que a vida acadêmica permitirá que, no futuro, ele defina sua carreira profissional. Considerando isso, e o fato de que as relações de gênero estabelecem ainda hoje níveis diferentes de participação e remuneração no âmbito do trabalho, é interessante pensar em estratégias de empoderamento voltadas para adolescentes de Ensino Médio. A escolha profissional feita pelos adolescentes é encarada de maneira diferente de acordo com a identidade de gênero estabelecida na cultura.

Desse modo, estratégias de empoderamento colocariam os adolescentes como sujeitos ativos nesse processo de decisão, e talvez minimizassem o efeito dos estereótipos de gênero.

Empoderamento pode ser entendido como um processo por meio do qual indivíduos ou grupos tomam controle sobre seus próprios assuntos, sobre sua própria vida. Refere-se a uma aquisição individual de autonomia para realizar ações e mudanças necessárias a seu desenvolvimento pessoal e social em uma área específica. Relaciona-se, assim, com um maior controle externo sobre os recursos (materiais, físicos, financeiros), mas também com um maior controle no que se refere a crenças, valores e atitudes. Este segundo aspecto está relacionado à capacidade de auto expressão e autoafirmação (MOREIRA et al., 2013).

[empoderamento] Implica, essencialmente, na obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis, deve-se somar uma mudança de atitude que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa ou receptiva (SCHIAVO & MOREIRA, 2005).

O termo empoderamento ficou mais conhecido por sua versão em inglês *empowerment*, que significa “dar poder” a alguém para realizar uma tarefa sem precisar da permissão de outrem. Assim, se uma pessoa ou grupo tem poder, eles são capazes de fazer escolhas efetivas, ou seja, têm a capacidade de traduzir suas escolhas em ações e resultados (MOREIRA et al., 2013). Aplicando isso ao contexto do Ensino Médio, pode-se pensar que estratégias de empoderamento atuariam como facilitadoras no processo de escolha profissional. Tal escolha remete o adolescente à inserção no mundo do trabalho, e uma orientação para isso, no contexto escolar, deve considerar o acesso a informações sobre profissões, cursos, remuneração e mercado de trabalho, bem como levantar questionamentos sobre as relações de gênero e as significações dadas ao trabalho a partir disso.

No Brasil, os adolescentes escolhem a profissão muito cedo (entre 16 e 17 anos de idade) e, muitas vezes, a escola não fornece informações sobre aspectos importantes para essa tomada de decisão. Como visto anteriormente, estereótipos de gênero, mas não só, impactam nessa escolha. Assim, é interessante problematizar como a questão do estereótipo de gênero sai do Ensino Médio e acompanha o estudante na vida universitária. Recentemente uma reportagem feita pelo Correio Braziliense aponta que as evasões da Universidade de Brasília são responsáveis por um prejuízo de R\$95 milhões. É possível que parte dessas evasões esteja ligada a questões de gênero. Embora não se tenha clareza estatística de quanto o estereótipo

de gênero está relacionado à evasão de cursos, sabe-se que nas Engenharias a evasão de mulheres é proporcionalmente maior. Nesse sentido, pode-se pensar o presente estudo como uma própria forma de promover empoderamento, na medida em que traz para a cena a questão do estereótipo e permite que os estudantes a discutam.

Apesar de a universidade dispor de mecanismos para amparar os alunos, esses são desconhecidos (como, por exemplo, a possibilidade de mudança de curso) o que impede também o empoderamento do indivíduo no mundo universitário. Caso um sujeito tenha escolhido um curso em função do estereótipo, é necessário viabilizar, dentro do contexto da universidade, a troca de curso, permitindo o direcionamento à uma área de seu interesse. Tendo em vista o exposto, essa pesquisa também se justifica por sua relevância acadêmica, institucional e social.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, fez-se uso de método qualitativo para coleta e análise de dados. A técnica adotada para a coleta de dados foi a de grupos focais, em função do objeto e dos objetivos do estudo.

Os grupos focais constituem-se como uma técnica que permite o acesso a informações específicas de grupos de sujeitos, sobre temas previamente definidos. Essa técnica tem origem anglo-saxônica e foi introduzida na década de 1940, sendo utilizada como metodologia de pesquisas sociais, especialmente aquelas que trabalham com *marketing*.

Pode-se dizer que o principal objetivo dessa técnica é reunir informações detalhadas sobre um tema específico (sugerido pelo pesquisador) a partir de um grupo de participantes selecionados. Os grupos focais objetivam coletar informações que proporcionem a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (TRAD, 2009).

No tocante ao papel do pesquisador, ele deve atuar como moderador, explicando os objetivos da pesquisa e introduzindo o tema a ser discutido. Pode-se dizer que entre as atribuições do moderador encontram-se: estabelecer relação com o grupo, definir as regras do grupo, estabelecer os objetivos, observar a comunicação (verbal e não verbal) entre os participantes, entre outras. É importante que o moderador tenha habilidades interpessoais, de observação e comunicação (OLIVEIRA, FILHO & RODRIGUES, 2007) .

4.1 Amostra

A amostra caracteriza-se como de conveniência, por ter sido selecionada em função da possibilidade e facilidade de acesso aos participantes. Consistiu em 32 estudantes, sendo 23 do sexo feminino e 09 do sexo masculino, com média de idade de 19 anos, do curso de Psicologia da Universidade de Brasília. A Universidade de Brasília é uma universidade pública federal com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal. Ela possui quatro campi, sendo que a pesquisa de foi realizada no *campus* Darcy Ribeiro, localizado no Plano Piloto.

Os critérios de divisão dos estudantes foram dois: alunos que saíram do Ensino Médio há mais de três anos e alunos que saíram do Ensino Médio há menos de três anos. Os

estudantes dividiram-se em seis grupos. Dois com quatro participantes, dois com cinco participantes, e dois com seis participantes.

4.2 Instrumento

Utilizou-se questionário aberto contendo quatro perguntas:

- 1) Vocês acreditam que existe trabalho “de homem” e trabalho “de mulher”? Por que?
- 2) Vocês já sofreram com estereótipos quando resolveram cursar Psicologia? Tinha relação com gênero? Como aconteceu?
- 3) Como vocês resolveram a situação?
- 4) O que vocês recomendariam para outras pessoas?

O questionário foi utilizado para dar suporte à execução dos grupos focais.

4.3 Procedimentos

Os estudantes foram selecionados de uma turma de uma disciplina obrigatória do primeiro semestre de Psicologia. Primeiramente, foi realizado o contato com a professora da matéria, solicitando uma aula para a aplicação dos grupos. Após ela confirmar a disponibilidade de ceder uma aula, os grupos foram aplicados no dia 01/10/2015, no horário de 10h-11h50, na própria sala da disciplina, localizada no ICC Sul da Universidade de Brasília.

Anterior à aplicação da pesquisa, foi frisado que a participação dos estudantes era voluntária. Posteriormente, a pesquisadora fez uma apresentação com Datashow, explicando o objetivo da pesquisa e o funcionamento dos grupos focais. Apresentaram-se também os conceitos de estereótipo e de gênero.

Durante a realização dos grupos, a pesquisadora foi mediadora no processo de discussão, observando e registrando as percepções da discussão. Os grupos formaram rodas pelas quais a pesquisadora circulou durante o debate, anotando alguns pontos que estavam sendo discutidos.

Os participantes tiveram dez minutos para responder cada questão, sendo cinco minutos para discussão em grupo e cinco minutos para escrever a resposta no papel.

4.4 Análise de Dados

Para a análise dos dados foi utilizado o método de análise de conteúdo categorial. Trata-se de uma temática proposta por Bardin (1977). Conforme essa autora, a comunicação se constitui como um processo que tem a palavra como mediadora do sentido. Assim, o discurso é entendido como um processo de elaboração, no qual motivações, desejos e investimentos do indivíduo estão presentes.

Para análise categorial temática utiliza-se o critério de recorrência de temas, que passam por uma contagem de frequência. Temas recorrentes são classificados em categorias específicas, e depois ajustados em categorias gerais. Cada um dos questionários foi submetido à análise de três juízes, que definiram as categorias específicas, determinadas a partir dos conteúdos predominantes nas respostas escritas ocorridas nos questionários. Desse modo, essa análise teve o intuito de verificar a presença e a frequência da relação entre gênero e escolha profissional por meio da leitura dos dados, delimitação das unidades de texto e de registro, estabelecimento de categorias e interpretação de dados.

5 RESULTADOS

Após a análise categorial temática realizada pelos juízes, obtiveram-se os seguintes resultados:

Tabela 1-: Resultados da análise categorial temática

Categorias provenientes da análise de conteúdo		
Categoria	Temas	Frequência
<p><u>Categoria 1: Trabalho pesado</u> Os respondentes relatam não haver diferenças cognitivas que separem o que é trabalho para um sexo ou outro. Relatam, entretanto, que há diferença física entre os sexos e que trabalhos pesados são mais apropriados para homens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão sexual do trabalho • Trabalho pesado • Diferenças físicas 	27
<p><u>Categoria 2: Contexto social e trabalho</u> Muitas vezes, a escolha do trabalho não tem relação com a capacidade, mas com a influência social e cultural sofrida pelas pessoas, que sentem que alguns trabalhos não seriam apropriados por não serem para aquele sexo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho • Contexto cultural • Contexto social • Influência sociocultural 	12
<p><u>Categoria 3: Estereótipos do curso de psicologia</u> Os participantes percebem estereótipos relacionados ao curso, mas não necessariamente ao gênero. Os estereótipos envolvem a percepção da psicologia como uma área que não “dá dinheiro”; como um curso que as pessoas fazem para resolver suas próprias dificuldades e como um curso onde há muitas mulheres e homossexuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estereótipos • Curso de psicologia 	19
<p><u>Categoria 4: Para resolver a situação de estereotipia...</u> Os participantes declaram que, para resolver os casos em que foram avaliados por meio de estereótipos, o caminho é banalizar, desprezar e ignorar os comentários e as avaliações e seguir fazendo o que se sonha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Enfrentamento • Banalização dos comentários • Desprezo • Seguir sonhos 	23

Fonte: elaboração própria

6 DISCUSSÃO

As categorias levantadas por meio da análise de conteúdo temática categorial serão discutidas separadamente neste capítulo.

Categoria 1: Trabalho Pesado

Esta categoria remeteu-se a diferenças na força física de homens e mulheres. De acordo com os respondentes, algumas profissões, por exigirem grande esforço físico, seriam mais apropriadas a homens. Todavia, os estudantes não relataram a existência de diferenças cognitivas como um fator de divisão de trabalho entre os sexos.

Pode-se inferir que as diferenças entre os sexos foram relacionadas precisamente a diferenças físicas, ou seja, diferenças corporais. Como dito alhures, no entanto, alguns estudos evidenciam a existência de diferenças psicológicas entre os sexos e sugerem que preferências psicológicas diferentes podem guiar homens e mulheres para profissões diferentes (BUSS, 1995; PINKER, 2008).

É possível conjecturar que os participantes não tenham feito referência a diferenças cognitivas, porquanto essas colocariam homens e mulheres em posições diferentes, do ponto de vista intelectual, fato que poderia justificar desigualdades sociais. Em congruência a isso, Pinker (2008) alerta para o problema de se comprometer com a doutrina da tábula rasa: pressupor que o ser humano é uma folha em branco, sem aptidões inatas, não é garantia de igualdade política. Esta se encontra no âmbito das construções sociais e não no das coisas factuais.

Categoria 2: Contexto social e trabalho

Esta categoria enfatizou a influência da cultura e da sociedade na escolha profissional. Os respondentes relataram que a escolha da profissão nem sempre estava relacionada à capacidade do indivíduo, mas a uma pressão sociocultural, impelindo-o a sentir que algumas profissões não eram adequadas para determinado sexo.

Percebe-se, assim, que construções sociais e culturais sobre papéis de homens e mulheres são agregadas a identidade profissional do indivíduo, impactando a decisão da escolha profissional, como ressalta Lemos (2005).

Categoria 3: Estereótipos do curso de Psicologia

Essa categoria referiu-se a estereótipos de gênero, mas os estereótipos socioeconômicos foram mais ressaltados. Os respondentes relataram ter sofrido mais com o estereótipo da Psicologia ser um curso que não dá muito dinheiro. Percebe-se, assim, que outros estereótipos também impactam na decisão da escolha profissional.

O estereótipo de gênero apareceu nas concepções de que o curso de Psicologia é composto por muitas mulheres e homossexuais (do sexo masculino). Esse curso comumente é associado à dimensão da clínica, da escuta e tratamento de pacientes, e, devido a isso, é possível que os estereótipos estejam ligados a noções de feminilidade, de paciência para lidar com os outros e cuidado.

Pode-se inferir também que os estereótipos socioeconômicos relacionam-se implicitamente com questões de gênero. É indubitável que essas concepções se estendem a outros cursos e, de maneira geral, as profissões “femininas” ocupam um lugar de menos prestígio e menor remuneração, ainda que a mulher venha se afirmando no mundo do trabalho.

É interessante notar que dos 32 participantes, 23 eram mulheres. Esse fato reflete a constatação de Castro e Yamamoto (1998): embora a entrada da mulher no ensino superior tenha aumentado, verifica-se um número maior de matrículas femininas em cursos tidos como mais adequados a mulheres. Outrossim, cabe ainda a reflexão sobre pré-disposições inatas que guiarão a escolha profissional de homens e mulheres. Considerando o estudo de David Lubininsky e Camille Benbow (1992), pode-se pensar que preferências inatas como o interesse por valores sociais e por objetivos altruísticos/humanitários levam mulheres a optar por cursos como o de Psicologia. Todavia, é importante pontuar em que medida esses interesses não são moldados pela cultura e sociedade.

Categoria 4: Para resolver a situação de estereotipia

A presente categoria diz respeito às opiniões dos respondentes sobre o que fazer para atenuar as situações de estereótipo. De acordo com eles, quando há conflito entre a escolha profissional e os estereótipos, devem-se ignorar tais concepções e trilhar o próprio caminho. Neste ínterim, é relevante se pensar a elaboração de estratégias de empoderamento, porquanto elas permitem que o indivíduo traduzam suas escolhas em ações e resultados efetivos, como elucidada Moreira (2013).

A transição do adolescente para a realidade universitária é marcada por conflitos e a decisão de qual profissão cursar vai definir o seu lugar no mundo do trabalho. No Brasil, essa decisão ocorre muito cedo e apesar dos participantes afirmarem que não se deve atribuir importância aos estereótipos, é imprescindível incluir, ao contexto de Ensino Médio, reflexões no tange a questões de estereótipo e mundo de trabalho.

Ademais, esse aparato instrucional deve levar em conta informações sobre profissões, cursos e remuneração, bem como as significações que se dá ao trabalho a partir dos papéis de homens e mulheres. Conforme o indivíduo se apropria desses fatores, empodera-se e adquire capacidade de decidir por si mesmo qual o caminho profissional a seguir.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados neste trabalho demonstram a relevância do estudo não só para aqueles que se encontram no contexto educacional, mas para a sociedade como um todo. Dessa maneira, torna-se crucial refletir e investigar mais detalhadamente a questão do gênero e sua relação com a escolha profissional.

Apesar de no Brasil a escolha profissional acontecer, geralmente, na adolescência (entre 16 e 17 anos de idade), ela não acontece de forma uniforme para todas as pessoas. Questões socioeconômicas, muitas vezes, fazem com que jovens saiam do Ensino Médio e já ingressem no mercado de trabalho, formal ou informal. Ademais, alguns buscam fazer cursos técnicos, não optando por um curso universitário. Assim, deve-se pensar na possibilidade de desenvolver estratégias de empoderamento já no início do Ensino Médio, uma vez que os estereótipos de gênero também podem acompanhar os jovens que ingressam no mercado de trabalho sem fazer um curso superior.

Como a escolha profissional remete o adolescente à inserção no mundo do trabalho, uma orientação profissional poderia facilitar esse processo. Nesse sentido, realizar oficinas, no contexto do Ensino Médio, que permitam o acesso a informações sobre os vários cursos existentes, as oportunidades de emprego, e remuneração se constitui como estratégia interventiva. Além desses aspectos, as oficinas também devem despertar a reflexão sobre as relações de gênero e o significado do trabalho dado a partir delas. Contribuiria também, permitir aos alunos um contato direto com a Universidade e com estudantes, coordenadores, e professores de determinados cursos.

Tais oficinas poderiam seguir um esquema de duração de uma semana e ocorrerem na própria sala de aula. Os alunos ficariam dispostos em roda e o professor, em um primeiro momento, poderia solicitar que eles pensassem e discutissem a respeito de questões como: “quais são meus principais interesses e habilidades?” “em qual profissão eu me vejo atuando?”. Nessa etapa, os alunos ficariam livres para expor suas dúvidas e receios a respeito de que carreira seguir, bem como se as suas decisões sofrem influência da família ou de amigos. Após essa reflexão, o professor poderia disponibilizar cartilhas, revistas e reportagens com informações sobre vários cursos para os alunos pesquisarem. Seria interessante fazer um levantamento com a turma sobre quais cursos são mais visados e convidar profissionais de algumas áreas para conversarem com os alunos. O professor também poderia fazer uma

apresentação explicando as principais opções de formação profissional (ensino técnico, ensino superior, cursos de qualificação profissional) e o que se deve fazer para acessá-las. Em um momento posterior, a utilização de documentários e/ou filmes que trabalhem a relação entre gênero e profissão seria viável para despertar o debate acerca da existência de estereótipos de gênero no mundo do trabalho. Nessa etapa, o professor proporia uma discussão por meio de perguntas como: “Vocês acreditam que existem profissões masculinas e femininas? Por quê?”, “Vocês já foram desmotivados a escolher determinado curso por questões relacionadas a gênero?”.

Nas ocasiões em que a pesquisadora circulou entre os grupos, registrando algumas falas, percebeu-se que o processo de escolha profissional é influenciado pela família e pela sociedade, e que a importância dada a esses fatores pode guiar o indivíduo para determinada profissão. Foi ressaltado por uma das respondentes que a pressão dos pais, muitas vezes, acaba forçando o indivíduo a fazer um curso não desejado. Dessa forma, infere-se que as questões de gênero é uma faceta, dentre muitas, envolvida na escolha profissional.

Para futuras pesquisas seria interessante realizar o estudo com um maior número de alunos, bem como com alunos de diferentes cursos. Comparar respostas de mulheres e de homens também seria importante, uma vez que os fatores por trás da escolha profissional de cada sexo podem ter diferentes dimensões, constituindo novas categorias de análise.

Analisar o contexto de indivíduos que já estão no mercado de trabalho também possibilitaria compreender como as organizações reproduzem os estereótipos de gênero ou amparam os empregados nessas questões. Uma escuta institucional seria válida, na medida em que permitiria identificar os valores por trás da organização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLATO, Flavia R. **A Relação entre Gênero e a Escolha Profissional de Adolescentes**. 2007. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Centro de Educação de Ciências da Saúde Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Flavia%20Regina%20Berlato.pdf>>

BUSS, David M. Psychological Sex Differences – Origins Through Sexual Selection. **American Psychologist**, [s.l.] v.50, n. 3, p. 164-168, mar. 1995.

_____. e SCHMITT, David P. Evolutionary Psychology and Feminism. **Springer**, [s.l.], abr. 2011. Disponível em: <<http://www.bradley.edu/dotAsset/196924.pdf>>

_____. e DEKAY, Todd W. Human Nature, Individual Differences, and the Importance of Context: Perspectives From Evolutionary Psychology. **Current Directions in Psychological Science**, [s.l.], v.1, n.6, p.184-189, dez. 1992.

CASTRO, Ana Elisa F. de e YAMAMOTO, Oswald H. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de Psicologia**, [s.l.], v.3, n.1, p. 147-158,1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a11v03n1.pdf>>

D'AMORIM, Maria A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.5, n.3, dez. 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1997000300010&script=sci_arttext>

EAGLY, Alice H. e WOODY, Wendy. The Origins of Sex Differences in Human Behavior – Evolved Dispositions Versus Social Roles. **American Psychologist**, [s.l.] v.54, n.6, p.408-423, jun. 1999. Disponível em: <https://dornsife.usc.edu/assets/sites/545/docs/Wendy_Wood_Research_Articles/Evolutionary_Origins_of_Mens_and_Womens_Behavior/Eagly_Wood_1999_the_origins_of_human_sex_differences.pdf>

LEMONS, CAIOÁ G. de, et al., Carreira Profissional e Relações de Gênero: um estudo comparativo em estudantes universitários. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 55, n.123, p.129-148, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200002>

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOREIRA, Nathalia C. et al. **Empoderamento, Desigualdade de Gênero e Mobilidade Social no Programa Bolsa Família**. In: XXXVII Encontro da ANPAD, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_APB2475.pdf>.

MYERS, David G. **Psicologia Social**. 10 ed. [s.l.]: McGraw Hill, 2014.

OLIVEIRA, Alysson A. R. de; FILHO, Carlos A. P. L.; RODRIGUES, Cláudia M. C. **O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas**. In: XXXI Encontro da ANPAD, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A2615.pdf>>

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Juliana A. dos. **Desigualdade Social e o Conceito de Gênero**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a7.pdf>>

SCHIAVO, Marcio R. e MOREIRA, Eliesio N. **Glossário Social**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, p. 11-30, jan-abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>>

SILVA, Carla. A Desigualdade Imposta pelos Papéis de Homem e Mulher: Uma Possibilidade de Construção da Igualdade de Gênero. In: **Uma Realidade em Preto e Branco: as mulheres vítimas de violência doméstica**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pós-Graduação em Serviço Social, PUC São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12548>

TEIXEIRA, Marco A. P.; ROCHA, Camile C. da; MENEGOTTO, Patrícia V. Valores de Trabalho, Gênero e Escolha Profissional na Adolescência. **Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas**, Rio Grande do Sul, v.19, n.1, p. 79-89, 2006. Disponível em:<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/sociaishumanas/article/view/1344>>